

CONTOS QUE ILUMINAM O ESPAÇO, PALAVRAS QUE TOCAM A TERRA: GEOGRAFIA E LITERATURA EM BERNARDO ÉLIS

TALES THAT LIGHT UP SPACE, WORDS THAT TOUCH THE LAND: GEOGRAPHY AND LITERATURE IN BERNARDO ÉLIS

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves¹
Universidade Estadual de Goiás – UEG
ricardo.goncalves@ueg.br

Resumo: A interpretação geográfica do espaço, ao dialogar com a literatura, dilata o olhar que vasculha a realidade concreta e simbólica, suas representações, contradições e conflitos. A literatura ilumina o espaço com suas formas de vida, trabalho, subjetividades, sensibilidades, dramas e sonhos. Ela adentra fendas encerradas pela razão científica hegemônica. Sendo assim, defendemos a aproximação da pesquisa geográfica sobre a formação do espaço agrário goiano com as contribuições da literatura regionalista produzida em Goiás. Para isso, posicionamos a investigação centrada na obra do escritor Bernardo Élis, com base numa abordagem *lítero-geográfica* do conto *O principal é dar conforto à família*, do livro *Apenas um violão* (ÉLIS, 1984). No conto, o conteúdo realista das personagens, as paisagens do sertão, as ações atávicas dos coronéis e a exploração inclemente dos trabalhadores agregados nos latifúndios expõem certa contextualidade espaço-temporal da formação econômica e social de Goiás.

Palavras-chave: Goiás. Espaço Agrário. Literatura. Bernardo Élis.

Abstract: The geographical interpretation of space, when dialoguing with literature, widens the gaze that traces the concrete and symbolic reality, its representations, contradictions and conflicts. Literature illuminates space with its forms of life, work, subjectivities, sensibilities, dramas and dreams. It penetrates cracks enclosed by hegemonic scientific reason. Thus, we defend the approach of geographic research on the formation of the Goian agrarian space with the contributions of regional literature produced in Goiás. For this, we place the research centered on the work of the writer Bernardo Élis, based on a literary-geographical approach of the tale *The main is to give comfort to the family* [*O principal é dar conforto à família*], from the book *Just a guitar* [*Apenas um violão*] (ÉLIS, 1984). In the story, the realistic content of the characters, the landscapes of the sertão, the atavistic actions of the colonels and the inclement exploitation of the aggregate workers in the latifundia expose a certain space-time contextuality of the economic and social formation of Goiás.

Keywords: Goiás. Agrarian Space. Literature. Bernardo Élis.

¹ Professor Doutor do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Goiás – Campus Iporá; e do Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Língua, Literatura e Interculturalidade – POSLLI, da UEG – Campus Cora Coralina. Membro da Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB Seção Goiânia. Pesquisador do Grupo de Pesquisa e Extensão Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade – PoEMAS/UFJF.

Introdução

Entendo que escrever é a minha janela para o mundo, a minha maneira de participar da vida geral. Não consigo fazer do ato de escrever uma distração ou um passatempo. É um trabalho, é um exercício de conhecer as pessoas, as coisas, as situações, o mundo. Talvez escreva para explicar alguma coisa do mistério do mundo, para tentar fixar um momento emocional, para satisfazer minha vaidade de ser um ente capaz de enxergar a vida sob um ângulo diferente, um ângulo talvez mais próximo da verdade. Talvez escreva por mero exibicionismo. Talvez tente realizar-me na literatura: realizar as minhas muitas frustrações decorrentes de minha timidez. Talvez escreva por tudo isso reunido. As palavras, as frases têm para mim vida à parte, sabor, cor, cheiro, som, personalidade e sentimentos. Para mim, a literatura (como arte de unir palavras e lhes dar um sentido) é o deus que cria o mundo e a vida. O mundo são as palavras, podendo-se repetir Marx: “A língua é a realidade imediata do pensamento”, sabendo-se que o pensamento é o reflexo da realidade (ÉLIS, 1989, p. 77).

A obra do escritor Bernardo Élis contribui para a compreensão da formação econômica e social do espaço agrário goiano? É possível aproximá-la dos esforços teóricos e metodológicos da geografia que se propõe dialogar com a literatura? Esse diálogo contribui para enriquecer o léxico, suplantando limitações metodológicas e riscos do discurso repetitivo da *Geografia Agrária* feita em Goiás?

Começar com perguntas é uma maneira de organizar a reflexão inquiridora, aberta e criativa. Logo, qualquer esforço para respondê-las pode puxar o fio de novas problematizações, possibilidades analíticas, interpretações e descobertas. Ao posicionarmos o olhar e o pensamento críticos e interrogativos para o mundo, as chances de repetição dos saberes são arrefecidas para, noutro extremo, caminhar por novas estradas do conhecimento.

Pois, no presente texto defendemos a aproximação da pesquisa geográfica, especialmente no campo temático da *Geografia Agrária*, sobre a formação do espaço agrário goiano com as contribuições das narrativas literárias. Para isso, situamos a investigação centrada na obra do escritor Bernardo Élis (1915-1997). A abordagem *litero-geográfica* baseia-se no conto *O principal é dar conforto à família*, do livro *Apenas um violão*, (ÉLIS, 1984), e revela o conteúdo realista das personagens e suas tramas, as paisagens do sertão, as ações atávicas dos coronéis e a vida esfarrapada e subordinada dos trabalhadores agregados nos latifúndios².

² Conforme Vasconcelos (2001, p. 71) “A posse da terra era uma condição de classe, uma vez que a atividade junto a ela era a única forma de trabalho e o latifúndio a forma de propriedade mais encontrada, além de serem seus possuidores os donos dos instrumentos de trabalho e do capital para fazê-los reproduzir”.

Na obra de Bernardo Élis, as palavras e sua composição artística em expressões, frases, orações e articulações narrativas esmiúçam o *Sertão Goiano*³, descortinam paisagens, descrevem modos de existir, trabalhar, morar, festejar, alimentar e conviver com as crendices religiosas. Portanto, adentram o espaço e sua miríade de significados. Bernardo Élis transformou sua escrita num exercício luxuoso para conhecer as pessoas, as coisas, as situações e o mundo, conforme sublinhado na epígrafe desta introdução.

A interpretação *litéro-geográfica* do espaço vasculha a infinita experiência de viver, relacionar-se, experimentar a subjetividade, emocionar-se e sonhar. Finalmente, neste texto descerramos o dizer geográfico embebido do diálogo com a literatura.

Diálogos entre Geografia e Literatura

A aproximação com a literatura pode clarear ao geógrafo o problema e o desafio do dizer, pois a literatura, por meio da ficcionalidade permite intensificar o olho nas situações humanas, nas sutilezas, nos embaraços, nos sutis movimentos, contribuindo para alargar a compreensão da singularidade do sujeito – e de sua irredutibilidade. O encontro entre Geografia e Literatura pode ensinar que não há gesto pobre, pode haver narrativa frágil. Ensina também a face simbólica das paisagens e do espaço, face que acomete a vida humana em todas as situações (CHAVEIRO, 2015, p. 49).

A reflexão de Chaveiro (2015) peregrina numa vereda de dilatação do diálogo entre ciência e arte, geografia e literatura⁴. Alumbra um rumo metodológico promissor e inovador do léxico geográfico. Dado isso, a aproximação da geografia com as narrativas literárias interroga, inclusive, a posição hegemônica da ciência moderna, erguida no discurso do método, cálculo matemático e empirismo. E, ao fazê-lo, cria fendas para a liberdade, oficinas de criação e escrituras urdidas na descolonização do pensamento e da própria ciência.

Marandola Jr. e Gratão (2010, p. 07) defendem que,

A ciência, de fato, demorou a levar em conta a literatura. Um entendimento racional e crítico sempre esteve presente no seu campo de ação, mas as obras

³ “*Sertão Goiano* refere-se à realidade que devido sua função na divisão regional do trabalho condicionou a existência do sertanejo goiano. Com efeito, o sertão é entendido como *locus* da existência sertaneja que, sob os moldes da época (século XIX até meados do século XX), pautou-se na ruralidade, na quase sustentabilidade própria e pouco contato externo. Destacar o *Sertão Goiano* consiste em compreendê-lo como base espacial do mundo sertanejo e também como produto de uma sociabilidade comandada pela lógica do tempo lento e da acumulação simples sob os preceitos da ruralidade” (BORGES; GONÇALVES, 2017, p. 97).

⁴ Para Ianni (1999, p. 10), “[...] a ciência e a arte podem ser tomadas como duas linguagens distintas, ambas compreendendo formas de conhecimento e imaginação. Ambas revelam algum compromisso com a realidade, taquígrafando-a ingênua ou criticamente, procurando representá-la, sublimá-la ou simplesmente inventá-la”.

literárias sempre estiveram na gaveta da ficção, enquanto a ciência ficava na da não ficção. Gavetas que a modernidade manteve cuidadosamente separadas.

Tal fato decorre do vigor do modelo de racionalidade científica imiscuído nos séculos de constituição da modernidade ocidental, cuja hegemonia obliterou um continente de saberes, fazeres, relatos ficcionais, cosmologias e sujeitos. Para Santos (2009, p. 60-61), a nova racionalidade científica desenvolvida basicamente no campo das ciências naturais a partir do século XVI se estendeu para as ciências sociais emergentes nos anos 1800, negando “todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas”. Destarte, o lastro de saberes que não se curvou aos rigores da experimentação e da quantificação tornou-se irrelevante, resultando no “desperdício de experiências” (SANTOS, 2009). Logo, isso significa, para Santos (2009), a redução da complexidade do mundo e da existência, a exclusão arbitrária do senso comum, da arte, estudos filológicos e filosóficos da órbita das investigações científicas.

Moreira (2011), por sua vez, explicita que ao favorecer a linguagem do espaço simbólico na sua leitura de mundo, a literatura normalmente se integra e se separa da ciência, “conjuga-se com ela na intencionalidade da compreensão do mundo, mas rejeita a tendência desta ao discurso árido” (MOREIRA, 2011, p. 145). Ao optar pela linguagem do espaço real, a ciência desqualifica o espaço simbólico ou ficcional, responsabilizando-o de subjetivismo. No entanto, sublinha Moreira (2011, p. 145),

[...] o viver humano é a unidade do simbólico e do real, unidade de um mundo impregnado de imagens e sua pleora de significados. Interpretando o mundo pelo simbólico, a literatura apenas se aproveita do que a ciência menospreza, na insuspeição com que esta despreza precisamente o fato de que a história é uma construção do sujeito homem.

Assim sendo, ao insistir na aridez da ciência alicerçada na mensuração, especialização dos campos de saberes, mecanicismo metodológico e função economicista, corre-se o risco de cair na vala do reducionismo interpretativo. Escusar-se da constelação de componentes humanos guardiões da capacidade de tornar o conhecimento científico íntimo da complexidade da existência. Portanto, a literatura permite adentrar na diversidade do viver humano sem limitar-se ao mundo objetivo ao avançar nos veios da sensibilidade, emoção e corporeidade. Aproveitar do festival de símbolos que também urde a existência social que se expressa no espaço e no tempo de cada sociedade e sua cultura.

Haesbaert (2013, p. 156-157) contribui com esses argumentos e permite aproximá-los da Geografia e dos esforços de diálogos com a arte ao dizer que,

Precisamos restaurar a interpretação poética na Geografia [...]. Dardel (1990), considerado um dos precursores da Geografia Humanística, já sugeria que a Terra era como um livro a decifrar – seja como uma obra científica, eu diria, seja como um romance ou um poema. Porque cada cultura, cada grupo e às vezes até mesmo cada indivíduo preenche seu espaço não apenas com um conjunto de instrumentos e “utilitários”, mas também de emoção e sensibilidade. Como disse Dardel, uma profunda e misteriosa *geograficidade* se desenha entre o homem e a Terra. Decifrá-la apenas com os instrumentos da razão, da objetividade e da crítica, apesar de imprescindível, nunca será, contudo, suficiente.

Por consequência, a abertura e o alargamento da Geografia no contato com a arte, particularmente a literatura, sublinham a imprescindível potencialidade da imaginação rente aos esforços de leitura do espaço. Impõem como alvissareira a análise das formas de viver, sentir, habitar e sonhar o espaço. Logo, a constatação de que as narrativas literárias são iluminadoras. Lançam luzes sobre a vida em movimento palpitante com seus símbolos, emoções, trabalho e afetos que incidem sobre o espaço, sua materialidade e imaterialidade. Na literatura há também o conteúdo objetivo e simbólico da sociedade em seu devir ininterrupto. As narrativas literárias tateiam as coisas miúdas do cotidiano ao mesmo tempo em que dizem a universalidade dos dramas humanos.

Em diferentes momentos históricos os escritores deixaram contribuições significativas para as ciências sociais, a exemplo do que fizeram Honoré de Balzac (1799-1850) e Émile Zola (1840-1902) na França e Europa do século XIX, ou Machado de Assis (1839-1908) no Brasil do final do século XIX e primeiros anos do século XX. Há na trama das personagens de romances como *Germinal*, de Émile Zola, *Eugénie Grandet*, de Honoré de Balzac, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, a inscrição do tempo e do espaço vividos pelos literatos. A estrutura de sociedade concreta em sua contextualidade espaço-temporal, com seus signos, objetos, linguagens e ações, ganha forma e conteúdo nas narrativas. Afinal, grandes pensadores aproveitaram do vislumbre estético da arte em suas pesquisas científicas, a exemplo do que fez Karl Marx (1818-1883), cujas obras tecem profícuos diálogos com a literatura de William Shakespeare (1564-1616), Johann Goethe (1749-1832) e tantos outros escritores.

O signo estético, o reino do possível e do imaginável, a esfera da ficção e a capacidade de incendiar a imaginação criadora tornaram muitos escritores protagonistas de grandes

narrativas que, no dizer de Betto (2017, p. 47), “favorecem a nossa visão de história e criam o caldo de cultura no qual brotam as utopias”. Ademais, “a literatura é a arte da palavra. E como toda arte, recria a realidade, subvertendo-a, transfigurando-a, revelando o seu avesso. [...] superando a linguagem usual e refletindo, de modo surpreendente, a imaginação criadora” (BETTO, 2017, p. 47-48).

Sem literatura, ainda diz Betto (2017, p. 48),

[...] corremos o risco de resvalarmos para a mesquinhez dos jargões burocráticos, a farsa do economês que tudo explica e quase nada justifica, a palilogia estéril da linguagem televisiva, a logorreia dos discursos políticos, condenando-nos à visão estreita e à pobreza de espírito despida de qualquer bem-aventurança.

Da mesma maneira, insistir na cisão entre ciência e arte, geografia e literatura, figura como correr o risco de manter a esterilidade da imaginação, cair no hermetismo discursivo, reproduzir o determinismo empiricizante ou a quantificação desvairada. Igualmente, ressalta-se a pretensão de neutralidade/objetividade que está por trás da postura cientificista que exclui a literatura como forma legítima de conhecimento do mundo. Por essa razão, a ponte que integra leitura geográfica do espaço e narrativas literárias colabora e enriquece as perspectivas de elaboração do conhecimento científico. Para Chaveiro (2015, p. 49), a literatura engrandece a *dizibilidade geográfica* e, “ao alargar o modo geográfico de dizer, igualmente estamos alargando o modo de ver”.

A literatura fertiliza a interpretação do espaço, dos lugares, das paisagens e das diferenças regionais. Importantes geógrafos como Aziz Ab’Saber (2013) fizeram essa constatação.

Eu via a geografia através dos romances. Descobri-me no estudo da literatura regional brasileira: Dalcídio Jurandir para a região amazônica, José Lins do Rêgo, Jorge Amado e Graciliano Ramos para a região semi-árida... Até hoje tenho uma noção da importância disso, porque me perguntam: “Professor Aziz, quais são os espaços que podem ser chamados parques culturais no Brasil?” E eu digo: “Tem o amazônico, tem o sertanejo do Nordeste, tem o residual caipira, tem o residual caíçara, tem o gaúcho e tem o pantaneiro. Estas são grandes áreas de tradição no linguajar e na mitologia regional” (AB’SABER, 2013, p. 47).

Observa-se, nos dizeres de Aziz Ab’Saber (2013), que o estudo da literatura regional foi fundamental para avultar seus olhares sobre a diversidade paisagística e cultural brasileira. Nas suas próprias palavras, foi possível enxergar a geografia através dos romances. Daí,

quicá, ter sido tão exímio em produzir uma geografia das diferentes regiões do país, integrando aspectos físicos da paisagem com a pletora cultural dos espaços por onde passou, descreveu e investigou geograficamente.

Chaveiro (2007) demonstra que a geografia mundial e brasileira tem produzido experiências práticas que festejam as possibilidades de confluência de ciência e arte. “Mais precisamente, tem descoberto que as categorias de análise da geografia e o seu objeto de estudo, encontram-se pautados nas narrativas literárias, em diferentes gêneros e espécies de poesia, na pintura, no cinema e, inclusive, nas *charges*” (CHAVEIRO, 2007, p. 175).

Logo, o conhecimento geográfico produzido em Goiás nos últimos anos aproximou-se da literatura a partir de pesquisas realizadas por geógrafos como Chaveiro (2009, 2015), Almeida (2003), Borges (2016) e Gonçalves (2018). À vista disso, Chaveiro (2009, p. 175-176) defende que,

[...] a narrativa literária tece fotografias imaginárias que ajudam a desvendar conflitos sociais, modos de vida, organização do trabalho, forma e função de cidades, hábitos de morar, cultura alimentar, modos de falar, eventos culturais, molecagens, traquinagens, astúcias de camponeses, lazer, situações amorosas, preconceitos, violência e encantamento pela natureza como componentes de enredos e situações de uma certa “geografia do sertão”.

Percebe-se, na compreensão de Chaveiro (2009), que a interlocução da geografia com a literatura orienta a interpretação de um “Goiás profundo”. Os escritores e as escritoras, romancistas, contistas e poetas que se aventuraram nas estradas da literatura produzida em Goiás, especialmente de feição regionalista, aproveitaram do espaço goiano nas narrativas em prosa ou versos, urdiram imagens do mundaréu de gentes com suas cores, crenças, folclores, linguajar, saberes e fazeres. Há, na literatura regionalista, escritos que perscrutam de maneira minuciosa o espaço agrário goiano.

Em livros como *Tropas e Boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos; *Jurubatuba*, de Carmo Bernardes; *O Tronco*, de Bernardo Élis; *A terra e as carabinas*, também de Bernardo Élis; *Sertão sem fim*, de Bariani Ortencio; *Naqueles morros, depois da chuva*, de Edival Lourenço, a estrutura de sociedade concreta e suas representações simbólicas desnudam a trama de vida de personagens inseridos em distintos espaços-tempos da formação territorial goiana. A vida social, a paisagem física dos horizontes inclementes do Cerrado, a exploração do trabalho nos latifúndios de coronéis e as crendices populares estão inscritas nas narrativas.

Consequentemente, a literatura regional é fonte de interpretação *litéro-geográfica* e contribui com os estudos da *Geografia Agrária*. É possível ver elementos da *Geografia*

Agrária, como a expropriação da população camponesa, a estrutura fundiária desigual, a luta pela terra, a cultura alimentar, os conflitos fundiários, o antagonismo de classe entre fazendeiros, coronéis, meeiros e agregados em romances e contos da tradição literária regional goiana.

Por isso, defendemos: a obra de Bernardo Élis vasculha o espaço e o tempo da formação de Goiás. Seus contos e romances adentram as contradições e os conflitos de um espaço agrário cindido por latifúndios, maldade de coronéis, trabalhadores feridos e explorados. Deslinda um território em transformação, mas, com a manutenção ou agravamento de resquícios coloniais com tinturas de covardia e opressão contra trabalhadores, agregados e camponeses, mulheres e homens pilhados nos latifúndios.

Ademais, destaca-se também a posição de Goiás no conjunto das aberrações de um país, o Brasil, na periferia do capitalismo mundial. Os antagonismos de classes, a dependência dos produtos primários para exportação, as cercas dos latifúndios intocáveis, o controle político exercido pelas oligarquias regionais, o trabalho desassistido de qualquer direito, dialogando com o que Schwarz (2000, p. 39) chama de “desenvolvimento moderno do atraso”.

Finalmente, evidencia-se a maneira como a obra de Bernardo Élis interpreta o espaço agrário goiano sem eximir as marcas das contradições, injustiças e a carga inexorável de violência nas terras a serviço dos latifundiários. Aliás, com entusiasmo militante o escritor goiano desnubla o painel de opressão completa dos trabalhadores humilhados, esfomeados e doentes, afundados no mandonismo dos grandes proprietários de terras.

Contos que iluminam o espaço: leitura *litéro-geográfica* do conto *O principal é dar conforto à família*, de Bernardo Élis

Inumeráveis são as narrativas do mundo. Há em primeiro lugar uma variedade prodigiosa de gêneros, distribuídos entre substâncias diferentes, como se toda matéria fosse boa para que o homem lhe confiasse suas narrativas [...] a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, não há em parte alguma, povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, e freqüentemente / estas narrativas são apreciadas em comum por homens de cultura diferente, e mesmo oposta: a narrativa ridiculariza a boa e a má literatura: internacional, transhistórica, transcultural, a narrativa está aí, como a vida (BARTHES, 1976, p.19-20).

As palavras de Barthes (1976) fulguram que as narrativas do mundo são infinitas e estão presentes na diversidade de línguas, nos distintos tempos e lugares, em qualquer

sociedade. As narrativas são intrínsecas aos diferentes povos, variadas culturas e classes. Elas estão entremeadas no cotidiano, no trabalho ou no lazer. Circulam nos jornais, nos discursos políticos, nas histórias orais, nos romances, novelas, contos, epopéias, fábulas, crônicas ou ensaios. Afinal, se elas estão em tudo e são íntimas da própria vida, cabe perscrutá-las e também apreendê-las no *fazer* da pesquisa geográfica. E para isso, consideramos o aprendizado facultado pela literatura.

Com efeito, retomamos a constatação de que a obra de Bernardo Élis é guardiã de possibilidades de leituras *líte-ro-geográficas* do espaço agrário goiano. Ela fortalece e amplia o campo de ação interpretativa da Geografia, particularmente da *Geografia Agrária*, em tempos-espços da formação de Goiás denominados por Borges (2016) de *Fazenda-roça goiana*. Para Borges (2016), a *Fazenda-roça goiana* consistiu na organização espacial que estruturou a sociedade sertaneja em Goiás por quase dois séculos, entre o final do século XVIII e meados do século XX, particularizando relações econômicas, de poder e representações culturais. Além disso, “é entendida como o espaço do sertanejo, sua morada, onde o sertanejo se espacializa, produz o seu mundo e a si mesmo” (BORGES, 2016, p. 37).

O trabalho, a organização produtiva, o catolicismo de roça, o relacionamento familiar, as crendices, o linguajar, a vida urbana, o poder político dos coronéis, os latifúndios lastreados nas paisagens rurais, a vida precária dos agregados, as tropas e boiadas, as estradas abertas nos Cerrados, vales de ribeirões, veredas e lonjuras dos sertões são elementos que singularizaram a *Fazenda-roça goiana*. Dessa maneira, descobre-se que a literatura regional tecida em Goiás é depositária de narrativas ficcionais que usufruíram dessa organização espacial, do mundo sertanejo e das paisagens do *Sertão-Cerrado*.

Destacam-se, então, os romances e contos de Bernardo Élis como expoentes de narrativas críticas da realidade social, política, econômica e cultural, que caracterizaram a particularidade regional da *Fazenda-roça goiana*. Possuidor de exímia criação ficcional e tessitura linguística, Élis fundiu falar culto e popular, ouviu as histórias dos tipos sociais do sertão, descreveu paisagens naturais e socioeconômicas em obras como *Apenas um violão* (ÉLIS, 1984). Esse livro reúne, além da novela que lhe dá título, contos que tocam a existência miserável, impetuosa e grosseira de homens e mulheres no *Sertão Goiano*, como em *João boi* e *O principal é dar conforto à família*.

No conto *O principal é dar conforto à família*, o narrador apresenta a “saga homérica” de um coronel possuidor de fazendas em Goiás para oferecer à sua família a ceia de natal mais abundante da região. “Duas filhas, três filhos homens casados, dos quais os dois têm dois filhos cada, mais o coronel e a excelentíssima esposa” (ÉLIS, 1984, p. 189-190), para essa

família reunida em dia de natal o coronel determinou que se preparassem “seis perus, dez frangos, três patos e dois leitões, além (naturalmente) das iguarias triviais, a saber arroz, salada, maionese, tutu de feijão, frutas, doces, bebidas, macarrão” (ÉLIS, 1984, p. 190). A ceia de natal do coronel e sua família era coisa de arremeter inveja. Outros coronéis, políticos, trabalhadores, agregados e meeiros, todos especulavam sobre a preocupação prioritária do coronel em dar conforto à família.

No decorrer de cada ano o quintal do coronel ficava bonito de ser ver. Mantinha animais bem tratados e gordos para o abate que aguardava as vésperas das datas festivas e religiosas de final de ano. E para o senhor de terras e de poder axiomático, tudo corria bem até que soube por gente do lugar “a nova de que o Prefeito mataria para regalo de sua família lá dele três leitões” (ÉLIS, 1984, p. 190). A novidade assaltou a preocupação do coronel. Como era possível o Prefeito matar três leitões para a ceia de natal e ele, homem respeitável, apenas dois? A partir da especulação que chegou aos seus ouvidos, o coronel procurou sua esposa e contou a novidade de que precisaria matar três leitões para os festejos de natal. E, de nada adiantaram os argumentos da mulher para convencer o pai de família do contrário.

[...] isso é um desperdício que ia até ofender Deusnossinhô, pois que a ceia já tinha um farturão danado, consabido que à mesa só seriam admitidos filhos e netos do coronel e suas esposas. Até as coisas que por acaso sobejassem, deveriam ser guardadas ou jogadas fora, mas nunca dadas aos serviçais de casa ou a outras pessoas, pois que o coronel existia com a finalidade única e exclusiva de dar conforto à família e não quem à família não pertencesse [...] Ao coronel custou disparado convencer a esposa de que era indispensável que matasse mais um leitão não pela falta que poderia resultar, mas pela necessidade de que nenhuma outra pessoa no lugar matasse num Natal maior número de leitões do que o coronel (ÉLIS, 1984, p. 190).

Nesse ponto, o narrador do conto deixa explícita a posição do coronel na sociedade local e regional, sua inserção numa trama autoritária de poder político e estatuto moral por ser dono de grandes propriedades de terras, e disposto a manter intocada a honra própria e da família. Além disso, expõe a força do patriarcalismo, da posição hegemônica do homem perante as decisões da casa. Consequentemente, sendo o coronel soberano da última palavra, coube à esposa acatar o arbítrio de matar três leitões para a ceia de natal. “Após algum bate-boca talvez num tom o seu tanto mais veemente do que ditava a conveniência de uma família de boa formação moral, acabou vencendo o desejo do pai de família, como só ocorre nas famílias constituídas à luz dos bons princípios” (ÉLIS, 1984, p. 191).

Com tinturas de ironia, o narrador urde as situações postas diante do coronel para que conseguisse cumprir sua vontade em tempo exato, sem comprometer a festança abastada de natal. Como não era planejado matar três leitões gordos, apenas dois, o chiqueiro do seu quintal estava desprevenido. Mas, isso não era problema para um homem de poder regional, senhor de muitos capatazes, trabalhadores e agregados de suas terras ou das fazendas de seus prosélitos. Então, “se lembrou de haver visto em casa de seu Agregado H, na fazenda, um leitãozinho que se ainda não morrera de fome (pois que essa genteca num presta nem pra dar de comer a um porco) estava indicado para completar o cardápio da ceia” (ÉLIS, 1984, p. 191).

A realidade do Agregado H, descrita no conto de Élis (1984), é dramática; sujeito excluído da posse legal da terra, submetido às intempéries do coronel, insuflado numa conjuntura de completa exploração, habitação precária e carência de comida.

[...] com mulher de resguardo de parto recente quebrado, filhos muitos e doentes todos, como doentes eram o pai e a mãe da mulher do Agregado H, os quais viviam nas costas do casal, o próprio Agregado H aperreado por vermes, o diabo de uma azia que não o deixava nunca, enfraquecido pela constante falta de comida e de habitação higiênica (ÉLIS, 1984, p. 193).

Sem nome próprio de pessoa, o Agregado H cuidava do leitãozinho para quando crescido e gordo ser moeda de troca perante as necessidades urgentes da família, pois precisava apurar dinheiro e pagar consulta ao médico para a mulher e filhos que viviam adoentados nos fundos de vales do sertão. Nada disso tocava a sensibilidade do coronel, visto que “era regra geralmente aceita que o que estava em riba da terra a terra pertencia. De consequência, se o leitão estava em sua fazenda e como era ele o dono da fazenda, a ele pertencia o bacorinho, pois não...” (ÉLIS, 1984, p. 192).

Com o objetivo meditado de fazer cumprir sua vontade e decisão indubitáveis, o coronel recorreu aos serviços do Capataz Número Hum, para que ligeiro fosse buscar o leitãozinho do Agregado H. Também homem de condições precárias, o Capataz Número Hum vivia nas terras do coronel morando em rancho com a esposa adoentada pelas complicações do último parto. Portanto, tinha conhecimento prático das penúrias dos trabalhadores agregados.

Rancho do Agregado H era sem tirar nem pôr do jeitinho do rancho do Capataz Número Hum, também ali a esposa do Agregado estava com complicação de parto, uma filha doente, que não esbarrava de chorar, a sogra

e o sogro velhos e cegos andando pela casa aos esbarrões pelas paredes iguais a almas penadas. A única esperança de todos era o tal leitãozinho que era criado dentro de casa, comendo no prato dos meninos [...] Já tinha falado com o médico que ia levar o porquinho para ele em troca de uma consulta para a mulher e os meninos, muito especialmente a coitadinha que vivia com aquela dor encapetada dia e noite sem parar (ÉLIS, 1984, p. 195).

Doenças terminais, bichos peçonhentos, sujeitos deficientes, pobreza, analfabetismo, famílias com prole avantajada, alimentação rarefeita, envelhecimento precoce e moradias maltrapilhas denunciam o contexto opressor, de mazelas e misérias vividas pelas personagens da obra de Bernardo Élis. A crueza e a violência da vida nas longitudes da *Fazenda-roça goiana*, nas terras cercadas por coronéis e transformadas em verdadeiros cativeiros para trabalhadores e suas famílias pobres, são descerradas na forma e no conteúdo de narrativas realistas. E, para Faria (2017, p.51), “na maioria delas, está em causa a vida, a dignidade, a sobrevivência de algum personagem”.

Iniludíveis eram as ordens do coronel. Ao ouvir detalhada a incumbência do serviço a ser cumprido, o Capataz tentou exercer convencimento, mas, foi conversa inútil. O coronel explicitou que, “se o Agregado H quisesse criar caso, dissesse para ele que não faltava gente querendo entrar nas terras como agregado [...] Coronel prosseguindo: - tem muita gente querendo também o lugar de Capataz Número Hum...” (ÉLIS, 1984, 192).

O Capataz Número Hum não tardou em debruçar sobre pensamentos apoquentados. Não dormiu noite seguida. Com a mulher incendiada por febre constante e uma filha aos berros em casa, o Capataz chegou a titubear das ordens do patrão. No entanto, negá-las feriam o estatuto moral, as honrarias e regalias de ser distinto Capataz de um Coronel homem respeitado. Ademais, recordou dos convites para ser padrinho de casamento e de batizado, o emprego e as contas por pagar, a espreita de soldados que não receiam gente pobretona, plebeus do sertão.

[...] bem que podia deixar de ir, falar para o coronel assim que não ia e pronto, mas e o emprego que perderia, e as contas por pagar, e a doença da mulher e dos filhos? Sem o bafejo do coronel, deixaria de ser o respeitadíssimo Capataz Número Hum para ser um camarada qualquer, igual aos milhares existentes por este país afora, ninguém iria chamar ele mais para ser padrinho de casamento ou de batizado, nem para os pagodes e festas onde lhe rendiam lordezas; perdido o cargo de Capataz Número Hum, no outro dia estavam soldados lhe metendo o refe no lombo, pondo na cadeia, desmoralizado como qualquer pé-rapado (ÉLIS, 1984, p. 193).

Diante de veredictos inquestionáveis, o Capataz se viu lançado em embaraços de consciência. Era necessário cumprir o mandato do coronel, então, arrumou uma velhinha da região para fazer companhia à esposa, arriou a mula e partiu acelerado na direção do rancho do Agregado H. Ao atravessar chapadões, serras e vales da fazendona, os pensamentos eram apenas inquietudes. “Muita vez teve gana de distorcer a rédea, voltar sem cumprir o mandato ou então ganhar esse mundão velho sem porteira, sumir, deixar em paz o coitadinho do Agregado H que era seu amigo e vivia em apuros tão grandes quanto ele” (ÉLIS, 1984, p. 194). Depois de apertadas e afrouxadas da rédea, para trote largo ou vagaroso da mula, o Capataz enfim apeou na porta do rancho do amigo. Como de costume entre as gentes roceiras, foi recebido com honrarias miúdas e, logo o Agregado H e a esposa apareceram “aprontando na maior alegria uma comidinha melhorzinha para o amigo Capataz Número Hum, ajeitando-lhe a cama à custa de desalojar outros filhos e privar a mulher de alguma coberta, mas que o amigo não ficasse sem agasalho” (ÉLIS, 1984, p. 196).

Durante a noite, no rancho do Agregado H, as ordens do coronel voltaram, iguais densas tempestades, a ocupar as ideias do Capataz Número Hum. Logo, no clarear do dia seguinte, antes de beber água ou café oferecido de manhazinha, endureceu as feições e bradou ordem resoluta: “...tô aqui da parte do coronel mode levar seu leitãozinho, hum!” (ÉLIS, 1984, p. 196). O desespero da família do Agregado nublou de tristeza a atmosfera miserável do rancho enquanto o Capataz sumia com o bacorinho amarrado na garupa da mula.

Ai, que a casa veio abaixo, a mulher gritando mais ainda, os meninos aos berros, pois iam levar o bichinho tão manso, tão amigo, adeus consulta do médico, adeus saúde da mulher e da filha! O Capataz Número Hum tinha entrouxado os ouvidos com pedaço de pau, peou o bácoro, amarrou ele na garupa, e saiu num galope largado para não ouvir a latomia que ficou para trás (ÉLIS, 1984, p. 196).

Com o terceiro leitão no chiqueiro, o coronel pareceu tranquilizar até saber que as mulheres empregadas da casa estavam com doença pegajosa, arriscada de contagiar toda a família. “Ao saber do caso o coronel ficou preocupado, como não podia deixar de ser, pois se o povo visse as empregas, passaria a ter medo de sua família, passaria a supor que a família do coronel estava atacada do mal” (ÉLIS, 1984, p. 197). Para livrar dos perigos da doença contagiosa e preservar a posição honrada da família, outra vez os serviços do Capataz Número Hum foram requisitados e, imediatamente, as empregadas enfermas foram lançadas ao fundo do rio.

Com a data de Natal próxima e para reiterar o sossego do coronel, foi preciso conseguir outras empregadas na região e, “novamente a mulona do Capaz Número Hum matracou as estradas” (ÉLIS, 1984, P. 197). Ao chegar à casa da família das moças escolhidas pelo coronel para serem as duas novas empregadas, o Capataz soube que elas estavam de casamento marcado exatamente no Natal e que tivesse pena e deixasse-as constituírem matrimônio. Reclamação negada, pois, as moças B e B’,

[...] estavam intimadas pelo coronel para irem cunzinhar para ele no lugar das outras, no que elas ficaram muito desgostosas e contestaram dizendo que não podiam aceitar a intimação por força do casamento, mas o Capaz Número Hum, experimentado como cumpre a um Capaz Número Hum, já tinha consigo um laço de 12 braças, trançado de três tentos, e nem teve graça: zupe, laçou as duas moças B e B’ pelo pescoço e lá se foi com elas presas na iapa do arreio da mulona ferrada dos quatro pés, e das mãos também, para entregar dentro da cunzinha do coronel (ÉLIS, 1984, p. 198-199).

No mesmo dia, os noivos, futuros sogros e sogras, parentes, vizinhos e conhecidos apareceram na porta do casarão do coronel implorando a libertação das moças B e B’, permitisse que elas constituíssem famílias conforme mandamento cristão. O coronel titubeou diante de situação tão difícil de resolver - abjugar as moças significava sacrificar o bem-estar da família e oferecer uma ceia de Natal com um leitão a menos do que o Prefeito Municipal. “E foi ele para o quarto adonde tinha uma imagem de santo de tamanho natural, ajoelhou-se com muita devoção, pediu conselho pro santo, que num átimo lhe alumiou o entendimento” (ÉLIS, 1984, p. 199). Enérgica, a decisão final do coronel estava determinada, chamou mais uma vez o Capataz Número Hum e vociferou: espante aquela “gente vagabunda, podendo solicitar ajuda do delegado, com o juiz e os soldados providos de suas poderosas armas de fogo, que tudo isso é feito principalmente para poder proteger os pais de família que estão sendo impedidos de dar conforto a suas famílias” (ÉLIS, 1984, p. 200). Por fim, o coronel facultou o maior banquete aos seus familiares, fartura nunca vista no lugar e em toda região vizinha onde havia gente conhecida.

Em síntese, defende-se que a narrativa de Bernardo Élis, por amalgamar estética e política no crivo regional, é uma voz sobre um território concreto. Em função disso, seu procedimento narrativo coloca luz, por meio do recurso ficcional, ao conflito político entre o coronelismo, fiel representante da patronagem oligárquica, e o campesinato, sujeito enraizador da sociabilidade do *Sertão Goiano*. A explicitação desse conflito ao sabor da arte ficcional ganha na obra bernardiana o centro estético e a sua primazia política. Por isso, a

covardia, a opressão, o mandonismo e a violência do coronel representam a frente da luta de classe em Goiás e no Brasil. Assim, a literatura regional torna-se não apenas uma antena da realidade, mas, uma forma sagaz de representá-la.

Considerações Finais

A proposta de interpretação *litéro-geográfica* da obra de Bernardo Élis, orientada pelas possibilidades de diálogos entre geografia e literatura, demonstra como as narrativas do escritor delineiam fotografias ficcionais que palmilham a formação do espaço agrário goiano. Sublinham ainda o abraçamento da estética pelo fazer geográfico consciente das contribuições dos textos literários para o alcance amplo e profundo dos fenômenos sociais e culturais.

Em conclusão, certifica-se que o conhecimento da realidade social dos distintos tempos e espaços da formação territorial de Goiás tem capilaridade na literatura regional. As narrativas produzidas por Bernardo Élis, como no conto *O principal é dar conforto à família*, perscrutam o drama dos trabalhadores sem-terra, agregados, meeiros e camponeses⁵, cuja liberdade era salteada pela tirania de coronéis. Trabalhadores experimentados na pilhagem da própria vida, realçados com alta habilidade estilística na sondagem realista da literatura de Bernardo Élis.

⁵ No caso dos camponeses, conforme demonstrado por Martins (1995, p. 09-10), a história da formação do espaço agrário brasileiro revela também um processo contínuo de experiências de lutas, de insubmissão do campesinato às deferentes formas de exploração e expropriação. “Um campesinato insubmisso - primeiro, contra a dominação pessoal de fazendeiros e coronéis; depois, contra a expropriação territorial efetuada por grandes proprietários, grileiros e empresários; já agora, também, contra a exploração econômica que se concretiza na ação da grande empresa capitalista, que subjuga o fruto do seu trabalho, e na política econômica do Estado, que cria e garante as condições dessa sujeição” (MARTINS, 1995, p. 9-10).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Geralda de. “Em busca do poético do Sertão: um estudo de representações”. In: ALMEIDA, Maria Geralda de.; RATTTS, Alex. J. P (Org.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003.
- AB’SABER, Aziz Nacib. **O que é ser geógrafo: memórias profissionais de Aziz Nacib Ab’Saber**. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Santa Catarina: Editora Avenida, 2005.
- BALZAC, Honoré de. **Eugénie Grandet**. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- BERNARDES, Carmo. **Jurubatuba**. São Paulo: Livraria Cultura Goiana Editora, 1979.
- BETTO, Frei. **Ofício de escrever**. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.
- BARTHES, R. Introdução à Análise Estrutural da Narrativa. In: BARTHES, R. et.al. **Análise Estrutural da Narrativa**. Ed. Vozes: Rio de Janeiro, 1976, p. 19-60.
- BORGES, Júlio César Pereira. **Fazenda-roça goiana: matriz espacial do sertanejo e do território goiano**. 213f. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, 2016.
- _____.; GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. Representações lítero-geográficas do sertão goiano no conto *O Patuá*, de Bariani Ortencio. **Mediação**, Pires do Rio - GO, v. 12, n. 1, p. 95-110, jan.- dez. 2017.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício. Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos. **Geograficidade**, Rio de Janeiro/RJ, v.5, n.1, 2015.
- _____. A dança da natureza e a ruína da alma: geografia e literatura – uma leitura possível. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 1, n. 2, p.174-186, 2007.
- ÉLIS, Bernardo. **Apenas um violão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. **A terra e as carabinas**. Goiânia: R&F Editora, 2005.
- _____. **O tronco**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1974.
- FARIA, Zênia. O trágico e o grotesco em narrativas de Bernardo Élis. In: BRITO, Tarsila Couto.; FLORES Jr., Wilson José (Org.). **100 anos de Bernardo Élis**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2017. p.41-65.
- GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. “Narrativas da terra”: a questão agrária em Goiás na literatura de Bernardo Élis. **REVELLI**, Inhumas/GO, v.10 n.2., p. 339 – 357, Junho/2018.
- HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2013.

IANNI, Octávio. Sociedade e Literatura. In: SEGATTO, José Antônio. BALDAN, Ude. (Org.). **Sociedade e literatura no Brasil**. São Paulo: UNESP, 1999, p. 9-42.

MARANDOLA Jr. Eduardo.; GRATÃO, Lúcia Helena B. (Org.). **Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EDUEL, 2010.

MARTINS, José de Souza (Org.). **Introdução Crítica à Sociologia Rural**. São Paulo: Hucitec, 1981.

MARX, Karl. **O capital**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ORTENCIO, Bariani. **Sertão sem fim**. Goiânia: Editora da UFG, 2011.

RAMOS, Hugo de Carvalho. **Tropas e boiadas**. 8.ed. Goiânia: Editora UFG, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício de experiência**. São Paulo: Cortez, 2009.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo – Machado de Assis**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

VASCONCELOS, Lauro de. **Santa Dica: encantamento do mundo ou coisa do povo**. Goiânia: CEGRAF/ UFG, 2001.